

A COMUNICAÇÃO DO HERMETICAMENTE FECHADO

Cláudia de Loureiro Carvalho

Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0000-0003-3546-7164

RESUMO: Neste artigo, discutimos acerca do fenômeno do hermeticamente fechado, tal como descrito por Kierkegaard, em diálogo com a observação da experiência de uma escuta clínica psicológica fenomenológico-existencial. Visando construir um texto que perfaça a experiência de aproximação da Psicologia apontada por Kierkegaard, nos colocamos diante da expressão do desespero do homem com a própria condição existencial de liberdade: *diante da e na liberdade*. Junto às descrições de Kierkegaard, dialogamos acerca da comunicação involuntária e súbita desse fenômeno ao margear os acenos do que foi guardado pelo movimento do *não* à liberdade em observação da possibilidade de: *um conteúdo fechado*. Nesta sondagem, espreita-se com os olhos da liberdade o mutismo do hermético, fia-se em descrever o movimento do fechamento e da condição de escuta que acompanha a possibilidade do despertar da abertura constitutiva do ser humano: *na margem da escuta clínica*. Concluímos que a relação de ajuda da clínica que se põe à escuta da comunicação do hermeticamente fechado se dá na aproximação e na construção de uma atmosfera de paciência, de suspensão de qualquer identificação normativa e espreita por via indireta, a partir da escola da possibilidade: a diferença na liberdade, a continuidade do movimento de ser a relação com a própria condição de ser do humano.

PALAVRAS-CHAVES: Psicologia. Fenomenológico-existencial. Søren Kierkegaard. Psicologia Clínica. Literatura.

THE COMMUNICATION OF THE HERMETICALLY SEALED

ABSTRACT: In this article, we discuss the phenomenon of the hermetically sealed as described by Kierkegaard in dialog with the observation of experience in phenomenological-existential psychological clinical listening. Aiming to create a text that makes up the experience of Kierkegaard's approach to psychology, we are faced with the expression of man's despair as the existential condition for freedom: *in the face of and in freedom*. Alongside Kierkegaard's descriptions, we bring a dialog on involuntary and sudden communication of this phenomenon by outlining the signs of what was kept by the movement of saying *no* to freedom in observing the possibility of: *a closed content*. In this probing, we see, from the perspective of freedom, the muteness of the hermetic and describe the movement of closure and the condition of listening that accompanies the possibility of awakening the constitutive opening of the human being: *in the margins of clinical listening*. We conclude that clinical help which listens to the communication of the hermetically sealed occurs in approximation and construction of an atmosphere of patience, suspension of any normative identification, and indirect glimpses based

on the school of possibility: the difference in freedom, the continuity of the movement of being the relationship to the human condition of being itself.

KEYWORDS: Psychology. Phenomenological-existential. Søren Kierkegaard. Clinical psychology. Literature.

INTRODUÇÃO

Quando observamos a alma que sofre pela própria condição do viver, pela imposição constitutiva *do ter de viver a vida que é a sua*, pelo sofrer por não querer o pesar do viver e do morrer, próprios da condição humana, estamos nos colocando à escuta do hermeticamente fechado. Esse estado é aquele que nega a comunicação até a si frente à liberdade, frente à angústia de assumir ser e ter de realizar-se em ato, em palavra sobre si, consigo mesmo e com as circunstâncias em suas possibilidades.

A psicologia apontada por Kierkegaard indica observar as nuances da comunicação do indivíduo e de sua angústia; da expressão da liberdade no margear a ação, no limiar do movimento humano, próximo de uma realização da história singular; propõe uma posição no porto que aguarda a esperada palavra/ato que revela a interioridade no modo da relação do indivíduo com a sua própria experiência. E nesse limiar, proximidade, margem, poder ser o rosto imóvel, a escuta no silêncio, ser o calado profundo e invisível que se inspira no modo absoluto: sem relacionar ou buscar uma causa, culpa e condenação, mas aguardar paciente a comunicação da liberdade com ela mesma.

A escuta clínica é um se chegar próximo, tão próximo onde a igualdade silenciosa da liberdade poderia ser tocada com palavra, com silêncio, com vazio que acompanha a possibilidade de revelação do outro para si mesmo. Kierkegaard indica o fenômeno hermeticamente fechado como a expressão da angústia diante da liberdade, expressão ao modo de uma *não-liberdade*; ao fechar-se em si mesma até o ponto de perder o contato da relação que se dá consigo e com os outros, a liberdade diz não à liberdade. Nessa observação da psicologia que se aproxima do humano em seu estar no mundo ao seu modo, busca-se, junto às descrições de Kierkegaard, ver a comunicação involuntária e súbita, horrorizada com a possibilidade do viver e do morrer, aquela que não quer se comunicar, mas que, por sua própria marca existencial de abertura, de liberdade, já, de algum modo, necessariamente se comunica.

Na busca pelo aceno da comunicação e, assim, da possibilidade de expressão de um conteúdo que retém uma dificuldade, um incômodo ao se pôr a caminho e poder dar som e ação no próprio viver, a escuta clínica se conduz pelo fio da liberdade à escuta do *não* da liberdade. Nesse acompanhamento, que observa a margem da angústia, lança-se a ver, compreender o lugar, o movimento, a comunicação de uma psicologia clínica necessariamente diante na tensão da liberdade. Assim, o lugar do hermeticamente fechado e o da clínica se encontram. Entre a não-liberdade e a liberdade, faz-se o lugar da margem clínica que, ao sabor de uma espera paciente, se contém em poder atrair o *ver* profundo da *abertura do ser* pela própria superfície do *à tona da palavra/ato*, mesmo que constituído de um *não*, um sonoro silêncio ou vozes perturbadoras que não ouvimos. Sondar a comunicação do hermeticamente fechado, aqui, se dá na pergunta pela possibilidade dessa comunicação. Nesse tipo de sondagem, a psicologia clínica espreita com os olhos da liberdade o mutismo ou o grito, o súbito do hermético; tenta acompanhar e descrever o lugar do fechamento e aguarda a abertura. Assim, pergunta-se pela comunicação do hermeticamente fechado: que comunicação é a da liberdade com a não liberdade?

1 – DIANTE DA E NA LIBERDADE

Kierkegaard descreve a não liberdade, o hermeticamente fechado, a angústia diante do bem como o fenômeno do demoníaco:

[...] quer os demônios sejam legião [...], quer o demônio seja mudo [...], o fenômeno é o mesmo: é angústia diante do bem, pois a angústia pode expressar-se tanto no emudecer quanto no grito. O bem significa naturalmente reintegração da liberdade, redenção, salvação ou como quer que se chame (Kierkegaard, 2013, p. 125).

Na mudez ou no grito daquele que se desespera, isolado e fechado até para si mesmo, apresenta-se, muitas vezes, como um horror de estar diante da liberdade que comunica, diante da impregnante liberdade humana. Desse modo, esse que assim se desespera sofre com o próprio ser em sua condição humana, guarda um conteúdo difícil de ser expandido, revelado, pronunciado, esconde-se da própria relação que ele mesmo é. A condição da existência humana é essa que se relaciona necessariamente, por ser em si uma relação que irrompe e comunica-se a si mesma, com os outros e com o testemunho sagrado da existência, da arte divina criadora

de vida. Que condição é essa que necessariamente se relaciona, que é comunicante e pode se fechar até para si mesmo e assim se desespera? Como é sofrer com o próprio ser?

Quanto a essa condição de ser humano, não se trata de ser tão pesado ou leve, porém, de se contentar com o pesado e o leve da tarefa de ser humano, na tarefa de se constituir em possibilidade e na liberdade, como realidade que se efetiva na igualdade e na diferença própria da existência humana, ou seja, na condição comum e na singularização do indivíduo. Essa condição perfaz uma relação do espírito humano com sua própria abertura, possibilidade, liberdade, necessidade, finitude e temporalidade, investido desse destino ter de ser, a tarefa de ser, ver-se e fazer-se em meio a contentar-se em ser homem e, assim, ser o desafio do seu próprio envio e destino ao mais elevado, em sua própria edificação desde o pouco, o nada em sua abertura de ser, como nos faz sentir o discurso de Kierkegaard:

E no momento decisivo para uma vida humana, quando se oferece a eleição da diferença, nós lhe dizemos: Homem! E no momento decisivo da morte, quando todas as diferenças são abolidas, dizemos: Homem! Contudo, assim não falamos de um modo inferior, ao contrário, dizemos o mais elevado, porque isto de ser homem não é inferior às diferenças, mas superior a elas; pois aquela glória essencialmente igual entre todos os seres humanos não é, contudo, a triste igualdade da morte, tão pouco como a igualdade essencial entre todos os lírios [...] (2018, p. 28).

Diante da apropriação dessa condição humana da qual o espírito humano emerge, vemos em *Anti-Climacus* a fórmula que assim descreve o movimento do espírito humano em sua condição de ser:

Uma tal relação derivada, estabelecida, é o si-mesmo do humano, uma relação que se relaciona a si mesma, e no relacionar-se a si mesma se relaciona a um outro. [...] ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si-mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu (Kierkegaard, 2022, pp. 44-45).

Dessa qualificação de transparência, que se dirige e se funda no poder que estabelece a relação consigo, no bem, na liberdade e na possibilidade das circunstâncias necessárias, em fuga disso mesmo, aquele que se desespera, em sua própria condição, procura se esconder, fechando-se. Esconde-se da relação e, assim, do poder que o estabeleceu; perde-se da relação e do poder que estão em sua própria constituição existencial – apresenta-se em opacidade de ser.

O querer ser si-mesmo é enredado pela constituição de ser em liberdade, possibilidade e em circunstâncias estabelecidas, necessidades. O lidar com esse enredamento da existência é desafiador para o *querer ser si-mesmo*; é desesperador para um indivíduo em sua má relação de ser consigo, com o poder-ser que se impõe em direção à abertura da existência.

A má relação do desespero não é uma simples má relação, mas uma má relação numa relação que se relaciona a si mesma e é estabelecida por um outro, de modo que a má relação nessa relação que é para si também se reflete infinitamente na relação para com o poder que a estabeleceu (Idem, p. 46).

Assim, como nos descreve Anti-Climacus, desespero é a má relação da síntese que se relaciona consigo mesma. O homem é o animal que pode se desesperar, pode se perder de si mesmo, pode se relacionar mal na própria relação consigo e com as circunstâncias, não se ouvir, sentir ou ver-se, pode se fechar em si e fugir para a opacidade do *não* à sua liberdade constitutiva. No entanto, assim é: está fadado a ser essa relação de síntese na transparência para a própria possibilidade de ser um eu a cada vez, de se constituir em movimento, em abertura e entrega, em *liberdade como possibilidade para a possibilidade*. Fugir da própria condição de existir e inventar um ser na não-liberdade; é desespero de *não querer ser o si-mesmo fechando-se em si*; é se encobrir na relação; é se apresentar em uma cegueira inventada para escapar da possibilidade de se constituir em possibilidade e ser constituído por uma necessidade. No entanto, é uma cegueira falsa, uma doença dos olhos, pois, sendo vidente, não vê o que sempre está ali, o si-mesmo que se põe e vocaciona, o poder que o obriga a ser e a se ver na liberdade que o enreda.

O si-mesmo que ele desesperadamente quer ser é um si-mesmo que ele não é (pois querer ser o si-mesmo que ele é em verdade, é exatamente o oposto do desespero), ou seja, ele quer arrancar o seu si-mesmo desse poder que o estabeleceu. Mas isso ele não consegue, apesar de todo o seu desespero; apesar de todo o esforço do seu desespero aquele poder é o mais forte e o obriga a ser o si-mesmo que não quer ser. Mas assim ele quer, afinal de contas, livrar-se de si mesmo, livrar-se do si-mesmo que ele é para ser o si-mesmo que ele mesmo inventou. Ser si-mesmo, como quer ser, seria para ele [...], todo o seu prazer; mas ser obrigado a ser si-mesmo, o que não quer ser, isso é seu tormento, qual seja, que não pode livrar-se de si mesmo (Kierkegaard, 2010, pp. 51-52).

Essa tormentosa obrigação enreda o desespero, circunscrito por sua condição de liberdade, possibilidade e necessidade. Desse modo, então, parece que é só aguardar que essa luta alcance um cansaço e esperar que o desespero cesse seu movimento de se desprender da teia tecida pela existência. De fato, aguardar é o possível, mas, nessa espera, a clínica psicológica coloca-se a *guardar* a posição diante da liberdade e diante do poder que põe possibilidade e necessidade.

A clínica inclina-se, busca pontos de acesso, gestos e formas para essa liberdade guardada. Em espera, lança-se a uma proximidade na qual pode ser apresentada e contemplada

a experiência singular. Na força dos contornos sutis da expressão da Literatura, Feijoo (2017, p. 33) defende os termos para podermos pensar a aproximação da psicologia ao caráter existencial. Nos conduz através da apropriação dessa arte para manter o rigor da descrição da experiência singular, da expressão humana: “na literatura podemos acompanhar experiências que guardam um sentido que aparece no próprio viger da experiência” (Idem, p. 70). Como fez o próprio Kierkegaard com seus escritos dedicados aos seus leitores, ao indivíduo singular na vigência da experiência cotidiana, concreta, assim, propomos nos aproximar, em nosso *contexto* dessa *vida sutil*, através da literatura na escrita de Clarice Lispector, no drama da trama entre os personagens Ulisses e Lóri, na obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Ulisses guarda e aguarda como vida que convida, como quem se inclina em espera diante do medo do abismo, diante da vertigem da liberdade, nos trechos:

Talvez fossem os seus “apesar de” que, Ulisses dissera, cheios de angústia e desentendimento de si própria, a estivesse levando a construir pouco a pouco uma vida. Com pedras de material ruim ela levantava talvez o horror, e aceitava o mistério de com horror amar ao Deus desconhecido. Não sabia o que fazer de si própria, já nascida, senão isto: Tu, ó Deus, que eu amo como quem cai no nada. [...]

Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo — em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre.

A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano (Lispector, 2020, p. 25 e p. 29).

Campos nos faz ver todo paciente como um texto em franco ato de escrita e a possibilidade de *ver* a palavra como a de *ver* a textura da alma. A escuta é esse *ver* paciente na leitura do texto humano. A abordagem possível da clínica se dá desde sua humanidade, portanto, precisa se colocar na contenção serena e frágil, amparada apenas no ato da entrega à borda, na margem em espera paciente: “[...] não é a observação de uma abordagem que faz ver, mas é o próprio instante do *ver* que torna possível observar antes mesmo que apareça o capricho de qualquer abordagem” (2019, p. 92). Diante da e na liberdade, a clínica aborda, posiciona-se na borda e lê a possibilidade da comunicação do hermeticamente fechado. Aqui, fizemos, portanto, um texto, outro texto que *almeja* ver essa comunicação.

2 – UM CONTEÚDO FECHADO

Hermeticamente, o desesperado fechado em si mesmo faz-se guardião de um terrível e inventivo segredo; é uma porta trancada por dentro. Nesse estado/lugar tem algo enviado, uma mensagem lacrada e carregada – é o hermeticamente fechado. Essa mensagem exerce um soluço de comunicação angustiada. Pode querer se fechar e não querer ser si-mesmo, não querer ser a relação que se dobra; em um estado de revolta, reage à possibilidade de se conciliar consigo e com o que se aproxima como liberdade. A angústia que *diante da liberdade do outro*, para reter-se na não liberdade, prima em velar-se, mas pode expressar, de algum modo, um *não*, um soluço da sua própria abertura.

A liberdade está à porta e para o zelo assustado daquele que se guarda dela, ela é presença que sempre bate e, também, entra pelas frestas em sua suave força de expansão. “A liberdade é justamente o expansivo”, diz Vigilius Haufniensis (2013, p. 129). Vemos como a água que umedece as paredes da retenção de si mesmo. Assim, comunica-se na mudez e no grito da alma do escondido. A liberdade espreita-o com o sim e esse que se fecha ao responder-lhe com um não e, desse modo, comunica-se com ela: com a possibilidade para a possibilidade, com o *para ser e fazer vida em continuidade*. Sobre esse contato da liberdade com o hermeticamente fechado, Kierkegaard afirma: “quando então a liberdade entra em contato com o hermetismo, este fica angustiado” (2013, p. 130).

A angústia no estado singular de uma comunicação do hermetismo é com *a* e *na* liberdade que ouve/diz o não e o sim de um lugar fechado e embolorado, úmido, guardando o conteúdo que lhe aterroriza anunciar diante das forças repulsivas e atrativas da própria liberdade. Está sempre presente no quarto, onde o hermetismo trancou-se com um não companheiro, a liberdade da não-liberdade a lhe assombrar e provocar a tensão para a qual evitará a pronúncia do próprio nome. Nessa tensão, pode assaltar-lhe o sussurro que trai o escondido. Kierkegaard anuncia haver uma traição, algo que sai pela culatra, que podemos ver como aquela criança escondida com um paninho na cabeça. O hermeticamente fechado revela-se e se esconde em movimento súbito, sem continuidade; sem persistir na revelação de si, em um mesmo instante roda e cessa, evita a vida, recupera a sua paralisação, mantém o monólogo de seus fragmentos e sustenta seu movimento fechado, fechando-se diante da abertura do existir.

Podemos ver em fragmentos da descrição de Vigilius Haufniensis, acerca do demoníaco, do hermeticamente fechado, a expressão do súbito:

O fechamento hermético cerrava-se sempre mais contrapondo-se à comunicação. Mas a comunicação é, por sua vez, a expressão da continuidade, e a negação da continuidade é o súbito. [...] Ele não se deixa introduzir nem elaborar em nenhuma continuidade, mas isso que se exprime deste modo é exatamente o súbito. [...] Não se encontra entre os fenômenos naturais, mas é um fenômeno psíquico, é uma expressão da não liberdade. [...] um abracadabra da continuidade que só se comunica consigo mesmo e por isso constantemente é como súbito. [...] ao súbito corresponderá a fraqueza (Kierkegaard, 2013, pp. 135-136).

Em fraqueza, na fuga da liberdade, escapa-lhe aqui e ali o som da liberdade nos fragmentados discursos atormentados, que são as próprias vozes que assombram seu quarto fechado; é o seu olho que não ficou debaixo do pano. Vigilius Haufniensis (2013) afirma o hermético como a revelação involuntária – o fechado involuntariamente revelado e descreve:

[...] o hermeticamente fechado é justamente o mudo e, quando deve exprimir-se, isso só pode ocorrer contra a sua vontade visto que a liberdade no fundo da não liberdade, ao entrar em comunicação com a liberdade que há lá fora, revolta-se, e então assim a não liberdade trai que é o próprio indivíduo que trai a si mesmo contra sua vontade angustiada (Kierkegaard, 2013, p. 129).

Da expressão em súbito à revelação involuntária, não necessariamente nessa ordem, a *revolta* com a vida ou na vida comunica algo.

O mal, o demoníaco, o radical extravio de vida, define-se como a vontade de ilimitado, de infinito, que é insurreição e revolta (*l'homme révolté*) justamente contra a necessidade do finito e que, ao longo da atuação e vigência de tal vontade rebelada, gera inquietação, que cresce, cresce, intensifica-se e faz-se ardor, ardência, incandescência na e da volúpia (Fogel, 2010, p. 12).

Buscamos ver essa revoltosa volúpia ao modo do infinitivo, no ilimitado *fechar*. O indivíduo perde-se, extravai-se em uma estranha continuidade do não querer ser si-mesmo, na inquietude que irrompe em súbitos involuntários. A necessária realização finita é postergada na vigência da vontade rebelada.

Retomamos a força da literatura como expressão da vida. Clarice Lispector, na relação que descreve em *A paixão segundo G. H.*, assim relata:

Ontem no entanto perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo — quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e, no entanto, não há outro caminho. Como se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é a que eu pensava e sim outra — como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização? (2009, p. 11)

Assim, a autora deixa-nos ver um possível diálogo da liberdade e da angústia, perfazendo uma via dolorosa, fazendo a vida falar como que à porta, à margem do que poderia ser uma voz, um grito diante da abertura que não lhe traz um amparo, uma organização prévia para viver um sim.

3 – NA MARGEM DA ESCUTA CLÍNICA

Nesta margem, nos colocamos à leitura dos textos humanos zelando pela atmosfera da psicologia clínica existencial, tal como nos descreve Feijoo:

Por psicologia existencial entendemos aquela psicologia que prescinde totalmente do intrapsíquico, como também, não considera que o comportamento se constitui de modo passivo por meio de condicionamentos postos pela exterioridade. A psicologia existencial pensa o homem como aquele que, originariamente, é indeterminação. Mas esta indeterminação carrega uma tendência à exposição, ou seja, a estar sempre para fora e, assim, o homem se constitui sempre em uma passividade ativa e eu uma atividade passiva (2017, p. 18).

Diante dos movimentos constitutivos de passividade ativa e atividade passiva, nessa tendência à expressão, a escuta da psicologia clínica busca nas palavras e no silêncio a liberdade, espera ouvir no *não* o *já* — que se anuncie! A palavra com saliva que umedece a boca, os sons vocalizados, os gemidos, as queixas, as vozes criadas para um diálogo da não-liberdade com a liberdade, mesmo contra a sua vontade, recupera a linguagem que lhe escapa em perdigotos. O hermeticamente fechado é o mudo que fala e trai a si mesmo. E, “a linguagem, a palavra, é justamente o que salva da abstração vazia do hermetismo” (Kierkegaard, 2013, p. 130), como nos indica Vigilius Haufniensis. Essa abstração vazia é de uma relação que se vê a si mesma ao voltar-se em falsa paralisia para o próprio vazio constitutivo, preenchido por determinações e medos; volta e se revolta na ilusão de fugir da liberdade e do conteúdo de sua história e de sua dor própria no viver, a carga necessária, o esforço do caminho. Kierkegaard, na voz de Anti-Climacus, define, sobre o eu, o espírito, o homem, a sua condição de ser, de voltar-se para sua interioridade: “o eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheia a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade” (2022, p. 25). A abstração vazia é a mímica dessa relação que se orienta para a própria interioridade, o *eu* se desvia desse sentido e diz, olhando para o lado: eu não tenho nada, eu não sei o que é! E não sabe mesmo, pois não está ouvindo, não quer ouvir, não sente o sabor, a dor, o ardor, o amor das palavras. O

eu de sua própria invenção falsifica as palavras e inverte, no silêncio ruidoso, o sentido de algo que pode estar latente para se comunicar. Essa hora angustiada e estranhamente sonora interessa à clínica psicológica, a hora aguardada de um som que pode conter a pronúncia da reconciliação com a história e com o caminho adiante.

O conteúdo guardado pela não liberdade é fechado por dentro, e por dentro precisa ser aberto. Dentro aqui é a interioridade, a relação que o ser humano é. A pronúncia que pode virar a chave está na revelação desde a interioridade para a continuidade:

A revelação aqui é o bem, pois a revelação já é a primeira expressão de salvação. Por isso diz um antigo ditado que, quando a gente se atreve a pronunciar a palavra, a magia do feitiço se desfaz, e por isso o sonâmbulo se acorda logo que a gente pronuncia o nome. [...] O súbito, como demoníaco, é angústia diante do bem. O bem significa aqui a continuidade [...] (Kierkegaard, 2013, p. 133 e p. 136).

Indica-nos Haufniensis, sobre o movimento da revelação para e na liberdade, para a continuidade do poder ser o si-mesmo a cada passo adiante, que o nome, a palavra, está no conteúdo guardado e pode ser sussurrado, soprado, escapado entre linhas para um paciente e atento ouvinte que aguarda um gesto sutil. Assim, aguarda-se na clínica, em escuta da mudez e do grito, a possibilidade do próprio nome acordar, recordar e se contentar com sua condição humana ao revelar uma seta a lhe devolver a estrada, a continuidade. Esse ouvinte pode ser o olhar do clínico. Esse nome, essa palavra/ato, precisa ser aguardado, a porta não pode ser aberta por uma mão externa que invade de modo másculo um espaço com uma legenda motivacional, um discurso sobre ser livre, pois tal dito pronuncia um mal-dito, ressoa como um outro e assustador mal sobreposto – esse medo de aumentar o mal encerra cada vez mais o escondido. É o parado, calado, paciente, na tensão e contensão da margem da liberdade que pode acolher a aparição do mal recolhido a sete chaves e, assim, persuadir ao desencanto, criar espaços e companhia própria para a recondução ao bem-dito, recuperar o contato, restabelecer o diálogo com o movimento do vivido e do viver.

O espaço da clínica psicológica, inspirada em Kierkegaard, oferece-se para ouvir esse mal e olhar para ele, aguarda na voz do engasgo mal-dito a palavra/ato que está à porta e que se abre para o bem-dito, para o bem-aventurado. O enunciado do mal-dito é pronunciado em soluços e o bem-dito acena através da angústia do involuntário. Acolher a negação da expressão na relação clínica é o poder de dar espaço para o que seja se anunciar. Pode, assim, devolver o aberto da história para a apropriação do indivíduo em seu próprio envio, do modo como a

experiência vier a se apresentar, trazendo consigo a bagagem e o fio condutor que revela a continuidade do *sim* às tarefas, à dor e à dádiva do viver.

“A palavra conserva sempre o seu poder libertador” (Kierkegaard, 2013, p. 137), conserva, mantém, dá caminho; o discurso dá um curso no diálogo das ideias com a vida, com a própria história. É o tempo que se reconcilia com o que foi, conversa com isso que acabou de dar um passo e que espera no direcionamento do olhar. Estando no mal, na perda de si mesmo, fugindo da sua própria condição, vê-se frente ao bem, frente àquele que ignora o mal e não está no mal. Em nota, Haufniensis fala do problema “o que é o bem”:

O bem é a liberdade. Só para a liberdade ou na liberdade há a diferença entre bem e mal, e esta diferença jamais aparece *in abstracto*, porém só *in concreto*. [...] A diferença entre o bem se dá, decerto, para a liberdade, porém não *in abstracto*. [...] Se (*sit venia verbo*) a liberdade permanece no bem, não sabe absolutamente nada do mal (Kierkegaard, 2013, nota 230, p. 117).

Na concretude da experiência clínica, a tensão da liberdade observa as dores na liberdade do outro. Assim, pode se dispor o ser clínico: em escuta paciente e ativa, ser um outro que atrai o direcionamento do olhar e exerce o poder de ser o bem para o outro. E o que é esse bem na clínica? A liberdade na tensão que acolhe, sonda, estranha o mal.

Se a liberdade é comunicante e propõe continuidade, expressa o conteúdo, dialoga com a história, fala, vê e cria: como pode o hermeticamente fechado ter uma comunicação estando ele na não liberdade? O que comunica junto ao *não*? O que diz no corte do seu próprio caminho que suprime a circularidade do tempo e do conteúdo do discurso? Haver-se com a continuidade, a história em diálogo com a vida, pode acontecer em silêncio, mas pode atrair um *sim* da fé desde a interioridade e seriedade para a abertura do caminho existencial que se constrói a cada passo.

O demoníaco é uma relação forçada com o bem na perspectiva do indivíduo que se fecha, pois a abertura para ele é pesada demais ao ver que não o quer ver, e se apresenta como aquele que *não quer falar de si*. A liberdade está posta, mas ela é a força que não faz força, e assim precisa ser a clínica. Vigilius Haufniensis alerta que a solidão própria do caminhar não é revelada por um instrumento que força o bem, que propõe uma liberdade. No sentido espiritual, a tarefa é muito difícil:

A arte reside em estar sempre presente e, contudo, não estar presente, a fim de que se permita à criança desenvolver-se por si própria, enquanto se mantém a supervisão bem clara do que acontece. A arte consiste, no seu grau mais elevado, em deixar a criança

entregue a si mesma segundo padrão maior possível, e conferir a este aparente abandono uma forma tal que sem ser percebido se esteja informado de tudo (Kierkegaard, 2013, p. 132).

Podemos ver nessa imagem que Kierkegaard nos oferece a possibilidade de pensar na aproximação da clínica como a liberdade que é força que não força, mas é presente, a liberdade que é um abandono interessado naquele que precisa caminhar por si mesmo. A clínica precisa ser o calado que fala sem cobranças e comparações, e que só pode revelar a liberdade na aproximação. É preciso calar o discurso sabido de tudo, da abordagem de como se deve fazer, pois esse que se apressa e se angustia em consolo e sentenças de esperança, pressiona, compara, cobra, culpa e pesa, como a dizer: venha ser o que você não está sendo, veja como é! E o hermeticamente fechado diz: não posso, não sou capaz! Não consigo sentir a partir das *suas* palavras!

Na atmosfera espiritual dos discursos edificantes em diversos espíritos, o que aprendemos dos lírios do campo e das aves do céu, sobre o cuidado com as almas preocupadas como essas que se fecham:

[...] aquele que tem pesar, e em especial quanto mais profunda e longamente este penetra na alma, ou quanto mais longamente penetra a fundo nela, talvez também sirva de tentação para impacientemente recusar-se a ouvir o discurso humano sobre consolo e esperança (Kierkegaard, 2018, p. 18).

A paciência precisa ser a atmosfera da clínica, pois, assim, não se pode promover a impaciência na alma aflita e preocupada, naquele que sofre um pesar tão profundo sobre si mesmo e se recusa a deixar entrar luz à força. O discurso do contido diante do sofrimento e do fechamento precisa se fazer indireto, algo que não ofereça comparação, até mesmo para que o aflito recorde de si mesmo, em um caminho que margeia a sua dor, que o faça esquecer, soltar-se um pouco de si em si mesmo fechado, e nesse esquecimento poder recordar de si por si mesmo em sua condição existencial de aberto se abrindo, de contínua construção de si mesmo. Precisa esquecer-se, desprender-se do eu inventado e fechado, e das ideias que desenha esse contorno. Por via de uma distância do si mesmo inventado e falsamente assegurado, que faz rever a força propulsora da clareia de ser, na distração que atrai, silencia-se qualquer comparação que culpa e cobra do aflito, do desesperado, do hermeticamente fechado, uma atitude. Trata-se de uma especial distração dinâmica, verdadeira, uma contemplação do existir que distancia e aproxima. A obrigação de ser, sua reconciliação com sua história e a revelação salvadora de seu poder ser si-mesmo em transparência e em continuidade, precisa aparecer por

sua própria visão, pelo seu próprio movimento. Assim, a clínica precisa filiar-se ao lado da dor, como mantra de uma disposição para essa reviravolta do ser em aflição de si mesmo. A comunicação do clínico se faz na indiretividade de um texto humano que contempla a existência e que silencia qualquer consolo e esperança de que possam reforçar a presença de determinações normativas e restritivas. A clínica oferece uma persuasão imantada pela liberdade, silêncio e paciência, precisa fazer uma aproximação por vias indiretas, dar espaço de esquecimento para a recordação do indivíduo por ele mesmo.

Não, lá onde o lírio floresce formosamente – no campo, lá onde o pássaro está livremente em casa – sob o céu, caso se procure consolo: lá há um silêncio ininterrupto, lá não há ninguém presente, lá tudo é apenas persuasão. Todavia, as coisas só são assim se o preocupado realmente atenta aos lírios e às aves, pensando neles e em suas vidas, esquece de si mesmo, enquanto neste esquecimento de si aprende deles, por si mesmo, imperceptivelmente algo sobre si mesmo: imperceptivelmente, pois ali só há silêncio, não há ninguém presente, o aflito está livre de todo e qualquer saber compartilhado, exceto o de Deus, o seu próprio – o dos lírios (Kierkegaard, 2018, p. 19).

A arte do fazer-se na clínica psicológica como clínico pode, assim, ver-se como um nada da liberdade, imperceptível, e ser uma presença que oferece companhia que caminha junto e contempla a condição humana na dinâmica dos acontecimentos. A partir da comunicação possível, põe-se na disposição persuasiva para atrair aquele que sofre para si mesmo. O clínico pode, assim, ser ímã diante da margem que contém a tensão da liberdade e o *poder fechar-se em liberdade*.

A via indireta de comunicação e a paciência constituem modos como Kierkegaard indica seu cuidado com a existência concreta e com o indivíduo singular. Nesse sentido, mantém-se na maneira correta do cuidado com o preocupado que se perde de sua própria possibilidade, que se encontra distraído ou isoladamente desterrado de sua própria condição humana de liberdade. O isolamento hermético, adoecido, desesperado, por ter-de-ser e poder-ser si-mesmo em seu constante tornar-se, carece de retomar, ver e sentir o aterramento de sua própria condição humana. Nesse sentido, a presença do clínico precisa ser a arte de não ser percebido como uma identidade comparativa, como mais um saber compartilhado pela multidão. Para estar junto àquele que sofre diante de sua constitutiva liberdade, é preciso silenciar as vozes do mundo para uma comunicação própria o revisitado. Kierkegaard nos faz ver e consentir que o silêncio honra a aflição e honra o aflito. Essa honra é necessária como espaço que vitaliza a possibilidade

da palavra, do gesto e da ação que toca a própria liberdade por si mesma, no silenciamento das vozes da multidão. Esse momento é curativo, oferece a via da relação e do tornar-se.

Conforme sinaliza, como caminho de cuidado do outro, Kierkegaard nos mostra que a contemplação do acontecimento em que não há nenhum outro homem presente, nenhuma voz e discurso de uma identidade da multidão, do saber compartilhado na humanidade, restabelece o silêncio para que o aflito, preocupado e desesperado possa se ver livre das vozes impessoais, das identidades infladas em consolo comparativo. Na sondagem, junto ao que se fecha e sofre, são essas identidades que podem encerrá-lo e são elas estranhas ao poder ser si-mesmo em liberdade. Esse silêncio, como o dos lírios do campo e das aves do céu, sem nenhum homem, identidade e saberes, esvaziam o espaço de toda querência desesperada e comparativamente determinante.

CONCLUSÃO

Uma fuga ilusória move o som da liberdade com o *não* à liberdade: no silêncio, nos fragmentos súbitos e involuntários, atormentados, o fechamento se dá para o sentido da apropriação de si mesmo, encobrindo a força da relação do espírito, do si-mesmo. Assim, esse modo de se mover em fuga ilusória, em negação angustiada frente à liberdade, pode receber reforço do movimento de fechamento próprio das determinações do senso comum, dos saberes compartilhados, e se justifica em fechamento para a própria condição humana de abertura, da própria constituição de possibilidade, vulnerabilidade e indeterminação de ser humano frente a essas determinações e saberes.

A comunicação da liberdade com a não liberdade pode ser observada na revelação involuntária, na abstração vazia, na mímica da relação de uma interioridade que se fechou; pode ser acompanhada e observada no olhar oblíquo, desviante do sentido, da linguagem, do envio, da tarefa de se constituir em história e em continuidade.

A clínica precisa guardar o espaço necessário para ouvir o sabor, a dor, o ardor, o amor das palavras, ao despojar-se dos saberes compartilhados que contribuem para o hermetismo daquele que sofre no fechamento para si mesmo. A aproximação do mover dessas águas da angústia negada e reclamada é, para a clínica psicológica, a hora aguardada de uma linguagem que pode devolver o sentido e que desperta o indivíduo, em sua experiência concreta e singular, para si mesmo como somente humano. A comunicação é a da liberdade com a não liberdade, é

a da clínica que se conduz pelo fio da liberdade à escuta do *não* da liberdade. Essa margem, na qual se debruça a clínica, precisa saborear a espera paciente e ser formada na possibilidade de atrair o *ver* profundo da *abertura do ser* para si mesmo. A clínica torna-se paciente ao guardar a posição diante da liberdade e diante do poder que põe possibilidade e necessidade. É o parado, calado, paciente, na tensão e contenção que pode acolher a aparição da expressão possível do mal-dito e, assim, sondar e persuadir ao desencanto, criar espaços e companhia própria para a recondução ao bem-dito, para o aflito recuperar o contato consigo, restabelecer o diálogo com o movimento da tarefa de se realizar na abertura e no contentar-se em ser homem.

A aproximação, o silêncio, a sondagem, o estranhamento e a comunicação indireta, constituem a tarefa clínica. A escola da possibilidade e a paciência precisam formar a atmosfera da clínica. Essa abordagem constitui o modo como Kierkegaard indica seu cuidado com a existência concreta e com o indivíduo singular. É na abertura que se dá o fechamento e é na angústia, quando o espírito está mais próximo de si, que o nome que acorda o desesperado pode aparecer. A relação com o espírito é o que coloca o indivíduo diante de si mesmo e das condições existenciais, diante do sim e do não à liberdade.

Assim Protasio expõe acerca da comunicação que frutifica em uma relação de ajuda:

Porque no meu entender esse gesto marca uma forma de relação que eu considero como de ajuda, uma relação que tem seu fundamento na possibilidade de uma comunicação entre pessoas e na possibilidade de que esta comunicação possa ser um elemento de diferença, de estranheza na vida das pessoas, no sentido de que cada um venha a se interessar pela sua própria relação com os critérios de seu horizonte, ou seja, com aquilo que significa ser humano no mundo que é o seu (2015, p. 13).

A Psicologia Clínica Fenomenológico-existencial continuamente intensifica seu ver e fazer, apreendendo do pensamento de Kierkegaard uma psicologia que prima por cuidar da atmosfera, de se aproximar da angústia, de cuidar da delicadeza da singularidade na experiência concreta do indivíduo, da comunicação em seus contornos mais sutis, zelando atentamente pelo movimento de apropriação da relação do espírito com a própria relação e com o poder que coloca a relação em continuidade com o gesto de tornar-se si-mesmo a cada vez.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, E. S. Aprender a angustiar-se na paciência. *Arquivos do IPUB*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan/abr, 2019. Disponível em: <<https://www.ipub.ufrj.br/arquivos-do-ipub-online-fenomenologia-e-escuta-clinica-v-1-n-1-2019/>>. Acessado em: dezembro de 2019.

FEIJOO, A. M. L. C. *Existência & psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber fazer na clínica psicológico existencial*. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

FOGEL, G. *O homem doente do homem e a transfiguração da dor: uma leitura de Da visão e do enigma em Assim falava Zaratustra, de Frederico Nietzsche*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

KIERKEGAARD, S. A. *Doença para a morte*. Trad.: Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022.

_____. *Discursos edificantes em diversos espíritos*. Trad.: Álvaro Luiz Montenegro Valls. São Paulo: LiberArs, 2018.

_____. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Trad.: Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009

PROTASIO, M. M. *O si mesmo e as personificações da existência finita: comunicação indireta rumo a uma ciência existencial*. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

I – INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

Cláudia de Loureiro Carvalho

Psicóloga graduada pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação – IBMR (2004). Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro – IFEN (2008). Membro do grupo de pesquisa Margem Kierkegaardiana, LAFEPE / UERJ (2022). Atua como psicóloga clínica e desenvolve continuamente estudos atualizados dos fundamentos que se articulam com esta área de atuação, como: filosofia, literatura, psicologia fenomenológico-existencial e psicopatologia fenomenológica. Tem se dedicado a pensar a Psicologia Clínica inspirada no pensamento de Søren Kierkegaard e nas expressões vivas da Literatura. E-mail: claudiacarvalhoamaral@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 29 de janeiro de 2024

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024